

## **Concepção, percepção e consciência**

(extratos de aulas de 2010)

**Maury Rodrigues da Cruz**

Para se ver algum objeto é necessário ter alguma consciência sobre este objeto, uma consciência que envolve o mundo em que se está vivendo, a mundaneidade, isto é, a relação da pessoa com o mundo. Quando se faz a consciência de uma coisa, de um objeto ou de uma pessoa, imediatamente provoca-se uma relação de mundaneidade. Essa relação de mundaneidade é permanente, a pessoa fará sua vida toda. Na medida em que ela vai compondo essa dimensão, ela vai imediatamente aumentando as relações de mundaneidade.

Dado um objeto qualquer, para se fazer consciência deste objeto, em primeiro lugar é necessário passar por, pelo menos, dois outros estágios. O primeiro é a concepção. A pessoa não alcança nada fora dela sem que primeiro faça uma concepção. Em segundo lugar, ela tem que fazer um nível perceptual: ela terá que repristinar, vai compor o quadro e vai fazer o processo perceptual. Feito a concepção e a percepção, ela, imediatamente, recebe o influxo extramental, criando uma possibilidade de fazer consciência. Assim, ela compõe um quadro consciencial. E se concebe dentro daquilo que se tem experiência, em todo o campo biológico, social, cultural, espiritual. Se concebe, para em seguida se fazer a percepção.

Perceber é recolher as imagens que o indivíduo fez com os símbolos conceituais que ele tem. A percepção do ambiente se faz, em média, em torno de 60%, 59%. Quando o indivíduo faz consciência, alguns deles não passam de 3%. A consciência é baixa. O fluxo da consciência, é como fosse um funil, quando ele chega no gargalo é só 3%, 5%, nos excepcionais para mais, isto é, aqueles que vêm com uma característica extraordinária de grandes transformações. São os indivíduos já pré-adaptados. Os genes estão, no sentido alélico, pré-adaptando. São aqueles indivíduos que não temem nada: Santos-Dumont, Chico Xavier, Madame Curie. São criaturas que estão permanentemente num campo alélico, no qual o gene está pronto para adaptar. E faz a adaptação rápida. E faz porque ele precisa criar o extramental. E o que este extramental vai fazer? Quando alguém conseguiu criar alguma coisa, ele imediatamente passa para o extramental, na cultura simbólica em que faz mentalidade. Os senhores não esqueçam que todos são contingentes. Todos nós somos contingentes, fomos criados. Nenhum de nós sai da estrutura e da organização da contingência. Todos nós fomos criados, portanto somos todos contingentes.

Se eu pedir para os senhores olharem para este giz. Em primeiro lugar, para que os senhores possam sair dos senhores e chegar neste giz, os senhores terão que conceber. Depois de conceber, com todo produto experiencial que se tem, os senhores farão a percepção daquilo que os senhores conceberam. Depois os senhores farão, por informação e comunicação, a consciência. Primeiro fazem a concepção, depois a percepção

e depois a consciência. A concepção não tem medida, a percepção não passa de 60% daquilo que os senhores conceberam, e a consciência é difícil chegar a 5%. Chegar a 5% seria um para um indivíduo excepcional para mais, seria quem sabe um Rui Barbosa das letras. Grande parte fica entre 3%, 3,1%, quando há uma grande excepcionalidade para mais, chega a 3.4%.

Isso não é fácil, porque é um cruzamento que envolve a concepção corpórea que a pessoa tem, portanto, somática – cada um tem uma concepção somática. E, nessa concepção somática, para a pessoa poder enxergar, ela terá que fazer a concepção, fazer a percepção e conscientizar-se. Ela passa pela sua concepção, pela sua percepção e pela sua consciência do que representa o somático nela. Nessa relação somática, ela tem que entender uma coisa muito importante: ela não faz nem concepção, nem percepção e nem consciência, sem o chamado intensivo e extensivo.

O que é intensivo e o que é extensivo? Quando a pessoa tem consciência de ser, ela tem imediatamente uma concepção do seu ser; ela tem uma percepção do seu ser; e, ela evidentemente tem a consciência de que está sendo. Na medida em que ela alcança novamente a consciência, ela cria uma relação intensa com ela própria, mas que passa por um sentido, quando encarnado, de mundaneidade. Consequentemente, ela passa por um sentido também de somático. Nessa relação, ela tem que alcançar uma coisa chamada intelecção.

Do que foi percebido, a pessoa toma consciência de três por cento, dois por cento, dois e meio por cento, nunca mais do que quatro por cento, pois ela não teria estrutura para mais informações. Após a consciência, ela imediatamente cresce, e tem que fazer intelecção para fazer o entendimento utilizando as coisas que já tinha resguardado – ela já tinha um conceito do mundo, já tinha um conceito do Universo, já tinha um conceito do Cosmos. Esses novos elementos vão lhe permitir olhar diferentemente para aquelas coisas. Esse é o processo inteligente da intelecção.